

A ATUAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS EM MINAÇU NO QUILOMBO DO RIACHÃO*

Lusinaide Cordeiro de Sales Lima Marques**



Resumo: ao falar sobre a presença da Igreja Assembleia de Deus na comunidade quilombola Riachão, buscou-se apresentar alguns aspectos históricos desta instituição. A análise da religiosidade dessa comunidade e o processo de conversão do catolicismo popular à nova fé pentecostal foram discutidos numa perspectiva de identidade como um processo de tradução cultural. A pesquisa limitou-se em abordar os fatores religiosos externos e como eles são assimilados pelas pessoas convertidas, com especial atenção às vozes, expressões e sensação de pertença desse povo, tanto na nova religião como na comunidade em que vivem.

Palavras-chave: Religião. Quilombo. Assembleia de Deus. Identidade. Tradução cultural.

THE ACTIVITIES OF THE EVANGELICAL CHURCH ASSEMBLY OF GOD IN MINAÇU IN THE KILOMBO OF RIACHÃO

Abstract: *speaking about the presence of the Assembly of God Church in the Riachão quilombola community, we sought to present some historical aspects of this institution. The analysis of the religiosity of this community and the process of conversion of popular catholicism to the new pentecostal faith was discussed in an identity perspective as a process of cultural translation. Research has been limited to addressing external religious factors and how they are assimilated by converted people, with special attention to the voices, expressions and sense of belonging of these people, both in the new religion and in the community in which they live.*

Keywords: Religion. Quilombo. Assembly of God. Identity. Cultural translation.

* Recebido em: 30.11.2017. Aprovado em: 19.03.2018.

** Mestre em Ciências Sociais e Humanidades (UEG). Especialista em Educação para Diversidade e Cidadania (UFG). Graduada em Pedagogia (UEG). Docente no Curso de Pedagogia (UEG Câmpus Minaçu). E-mail: lusinaidecordeiro@gmail.com.



A Igreja Assembléia de Deus é desmembrada em vários ministérios, com diversas subdivisões. Todos esses ministérios compartilham doutrinas que devem ser consideradas como doutrinas básicas. Para Cabral (1998), os principais ministérios são os de Madureira e Missão. A origem do Ministério de Madureira se entrelaça com a própria história da denominação.

O movimento pentecostal chegou à região central do Brasil somente na década de 1930, através do missionário Paulo Leivas Macalão, que enviou o diácono Antônio do Carmo Moreira, do Rio de Janeiro para Goiás. Foi nessa década que começaram as ações de transformações devido à intervenção do Estado, que intencionava colocar a região Centro-Oeste no cenário nacional através da Marcha para o Oeste, projetada por Getúlio Vargas. Como parte desses incentivos, Pedro Ludovico Teixeira liderou a revolução de 1930 em Goiás, bem como a construção de Goiânia.

Com a transferência da capital do estado, Goiás passou ter um crescimento populacional expressivo influenciado pela migração, como afirma Chaul (1999). Conseqüentemente, a nova capital passou ter atração para os imigrantes, local de convivência de valores culturais em setores como a agricultura, pecuária, e incluindo o protestantismo e novas religiões. Conforme Moraes (2007, p. 50) “nesse contexto o missionário protestante era mais um que chegava” e nesses encontros culturais, em condição de fronteira geram situações de fissuras, principalmente nas religiões.

O cenário brasileiro, assim a província goiana, tem como religião oficial o catolicismo. Isso deixou a população que é oficialmente católica, com dificuldades em relação a sua identidade religiosa em virtude da hibridização cultural (povos indígenas, africanos, portugueses e demais europeus) e, é neste contexto social e cultural que aparecem os primeiros movimentos pentecostais em solo goiano, facilitando a entrada de uma nova forma de demonstrar a fé.

Assim, o pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão e no desenvolvimento político do estado, porque os primeiros homens que iniciaram os movimentos de cultos pentecostais na nova capital, segundo a história, tiveram o apoio do então interventor de Goiás. Nesse contexto, o estado absorveu mão de obra dos imigrantes de vários lugares do Brasil, entre eles, operários da construção civil, que vieram para trabalhar na construção de Goiânia, em especial, nos prédios do governo.

A pregação do evangelho e da “mensagem pentecostal” teve início na nova capital com o operário afro-brasileiro, Antônio do Carmo Moreira, diácono da Igreja Assembleia de Deus de Madureira. Em 1936, ele viera para Goiânia trabalhar como mestre-de-obras na edificação do Palácio das Esmeraldas, futura sede do governo do Estado (GOMIS, 2012, p. 12).

Aos poucos foram desenvolvendo trabalhos de evangelização, por iniciativa do então operário negro Antônio do Carmo Moreira, que celebrava cultos nos momentos de descanso e, com o aumento do número de adeptos, recebeu apoio institucional do Interventor, Dr. Pedro Ludovico Teixeira. O primeiro templo da Assembleia de Deus na capital do estado foi construído em um terreno doado pelo então interventor. Assim em 1936, foi construída a primeira Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Goiás.

Com o crescimento da Igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira em Goiânia e sua ampliação pelo o aumento de membros, foram construídos novos templos iniciando pelo conhecido bairro popular, e depois se expandindo para Campinas, Vila Nova, Setor Pedro Ludovico e outros mais (FEITOSA, 2006, p. 46).

Logo, com o aumento do número de convertidos, foi necessário expandir pelos bairros da capital e concomitante pelo interior chegando aos diversos municípios e povoados do estado, já que ao ouvirem as mensagens pentecostais através dos pregadores itinerantes, muitas pessoas, se convertiam e se uniam ao grupo.

Da capital Goiânia, segundo Feitosa (2006), a denominação se estende para as outras cidades do estado como Turvânia, Anicuns, Iporá, Uruana, Itapuranga e, depois, em Ceres, no Vale São Patrício. A igreja de Ceres viria a ser mais tarde o embrião de igrejas em outras partes do Estado, que,



mesmo sem autonomia administrativa, enviava obreiros e criava novos pontos de trabalhos. Com as migrações de pessoas da região de Ceres para o Médio Norte goiano, as localidades mais procuradas foram: Amaro Leite (GO), São Miguel do Araguaia (GO), Uruaçu (GO), Porangatu (GO), Formoso das Trombas (GO), Minaçu (GO), Gurupi (TO) e outras. A partir de então, tornavam-se, também, propagadores desta doutrina.

A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS EM MINAÇU

Para situar o objeto de pesquisa e proporcionar melhor compreensão do recorte temporal utilizado, é necessário primeiramente visualizar o contexto histórico do município de Minaçu, no estado de Goiás, e buscar entender a influência da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, a saber: Ministério de Madureira. De certo modo, essa igreja, ao longo dos anos, configurou vários aspectos no campo religioso, bem como político, social, cultural e econômico por meio de suas ações.

O Município de Minaçu está localizado no extremo norte do estado de Goiás, cerca de 530 km da capital Goiânia. Na década de 50 quando estava surgindo os primeiros moradores da região, o lugar era conhecido por muitos como: “Gerais da região Cana Brava”. Atualmente, completando seus 42 anos de emancipação política, conta com mais de 30 mil habitantes, tendo sua economia firmada basicamente na mineração de amianto e duas usinas hidrelétricas.

Conforme relato de memória de um nordestino morador da região desde 1954, o nome se justifica pelas inúmeras riquezas naturais. Jadir José da Costa, um dos pioneiros da cidade, em entrevista à revista da Associação Missionária Mundial de Evangelização declarou que “aqui o lugar era chamado de “Gerais”, pois possuía tudo de bom para se viver. Muita água, caça, capim, terra para plantar e minério” (AMME, 2012, p. 7). Tal, relato mostra o sentimento de pertença do homem sertanejo com o lugar que o acolheu.

Posteriormente, a região atraiu um contingente maior de pessoas, por causa dos garimpos que foram surgindo na região. A busca pelo ouro e outros minérios favoreceu o surgimento de um dos maiores garimpos da região, mais especificamente nas localidades de Cavalcante. Os garimpos de Serra Branca e Buracão se destacam tanto pela área que abrangiam, quanto pela aglomeração de pessoas. Em uma destas extrações de minérios encontrou-se no povoado vestígios de um minério desconhecido que modificou o foco econômico do município, conforme descreve Pamplona (2003, p. 27):

no sábado, dia 28 de abril de 1962, Milewski e Pedro Paraná chegam ao local da pedra cabeluda e à casa de Darcy, após terem cavalgado 72 km a partir de Campinaçu. Encontram garimpeiros sobre a jazida, separando a magnetita dos veios de crisotila, buscando uma forma de comercializá-la. Milewski explica que a extração de fibras das rochas exige máquinas que envolvem grandes somas de dinheiro. Promete indenizar os garimpeiros e em troca oferece trabalho para abrir picadas, pista de pouso, ranchos, dormitórios e escritório para o primeiro acampamento. Na quarta-feira, dia 2 de maio, Milewski retorna a Goiânia após uma viagem de 10 horas no lombo de mulas, para chegar até a pista de pouso do Anterrão, situada no outro lado do rio Tocantins. No dia 20 de maio, Milewski e o topógrafo Otto Piclum descem de avião em uma pista rudimentar, acompanhados pelo audacioso piloto Moacir Mendonça. Dessa grande aventura, que culmina com a descoberta da jazida de Cana Brava, participam Joseph Paul Milewski, Pedro Paraná, João Pans e Gualberto de Paula.

Em 1963 já havia um povoado, pois iniciavam os trabalhos da empresa “SAMA”¹, para extração do amianto, atividade econômica que deu origem e sustentação ao município que até hoje beneficia de sua renda. Todavia, a Igreja Assembleia de Deus já havia implantado o trabalho de evangelização das pessoas na região mesmo antes da formação da cidade. Foi a primeira igreja a se estabelecer na região segundo os relatos dos pioneiros, uma vez que quase não se encontra relatos escritos.

O Pr. Raimundo Chagas (Secretário Geral da Igreja Local), em entrevista à revista AMME, afirma que a primeira implantação da Igreja Assembleia de Deus na região foi informalmente em 11 de fevereiro de 1959, pelo Presbítero Manoel Matos e registrada juridicamente em 1969, pelo Pr. José da Silva Negrão. O que se evidencia o pioneirismo da Igreja Assembleia são os registros da pesquisa



de Pamplona (2002, p. 304-305) nos quais ela registra que, no dia 16 de julho de 1968, foi celebrada a primeira missa em residências do povoado e no dia 22 de agosto de 1971 foi inaugurada a Igreja Católica de Nossa Senhora Aparecida. Contudo, somente em 1975 começou o processo de emancipação de Minaçu.

Delgado (2006, p. 9) ressalta que “a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”. Isso é possível por intermédio da história oral, pois a oralidade, ao reafirmar-se constantemente, mesmo com algumas alterações, obtém notoriedade com o passar do tempo. Assim, segundo a oralidade ao passo que a história da cidade de Minaçu surgia, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, também se estruturava como um espaço marcado pelo sagrado.

A cidade abriga diversas religiões ou expressões religiosas, como explicita Barbosa (2002, p. 127): “Minaçu, apresenta uma pluralidade religiosa significativa, predominando o cristianismo, que teve sua origem na Palestina”.

A diversidade de denominações presentes na cidade evidencia a pluralidade religiosa no cenário local. Há registros de dezenas de ministérios e denominações diferentes, bem como outras igrejas neopentecostais que surgem e desaparecem antes mesmo de entrarem nas estatísticas. Há também outras manifestações religiosas africanas ou afrobrasileiras, que ainda não são evidentes.

Através da pesquisa é possível afirmar que, diante desse cenário dos movimentos religiosos presentes em Minaçu, destaca-se a representatividade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus perante as demais, visto que apresenta uma quantidade expressiva de fiéis.

No início, foi construído um espaço para atender as demandas dos *novos convertidos*² que aumentavam vertiginosamente. Nessa época o trabalho de evangelização ainda era ligado à igreja de Formoso, Goiás, e um tempo depois, mais precisamente no ano de 1972, tornou-se independente com a chegada do Pr. Antônio Martins da Rocha, empossado como primeiro pastor presidente do campo de Minaçu, enviado pela junta conciliadora da convenção estadual, órgão que rege o ministério da igreja.

Ele permaneceu no cargo até o ano de 2010, quando por motivo de saúde não podia continuar como presidente. Diante de suas ações, ganhou da convenção estadual o título de presidente de honra e veio a falecer no ano de 2012.

O número de fiéis na época em que o Pastor presidente Antônio Martins, do campo da Assembleia de Deus, chegou em Minaçu era de aproximadamente 200 evangélicos e o pequeno rancho não mais era suficiente para comportar os fiéis nos finais de semana e nos eventos festivos. Para atender a demanda do crescimento da igreja, foi construído o primeiro templo, que na época se tornou o maior edifício da cidade.

Segundo relatos, essa construção causava admiração na população e, ao mesmo tempo motivação aos crentes, por ter um templo muito grande em um povoado com poucos habitantes. Além disso, outro prédio ainda maior foi erguido ao lado desse templo, a fim de sediar a sala da EBD (Escola Bíblica Dominical), com o objetivo de intensificar o trabalho de evangelização. Nesse local, até o presente momento acontecem nas manhãs de domingo os estudos da Bíblia, tendo o envolvimento dos fiéis, e que visam a participação de adultos e crianças.

Em 1976, o Pastor Presidente Antônio Martins da Rocha, juntamente com a diretoria da igreja, firmou uma parceria pública-privada com o governo do Estado de Goiás para o funcionamento de uma escola de ensino no então prédio da igreja que foi registrada com o nome de “Educandário Evangélico Gonçalves Dias”. A implantação do educandário em Minaçu visava atender uma educação secular e religiosa, pois os conteúdos ministrados eram balizados pelo credo da igreja. O educandário teve destaque no cenário local e regional, como uma instituição que promoveu o desenvolvimento educacional da comunidade oferecendo ensino da pré-escola ao Ensino Médio durante 30 anos e em 2006, mesmo com um público de 500 alunos, encerraram-se as atividades da escola. Esta situação promoveu a retomada do prédio para a realização da Escola Bíblica Dominical, função para a qual foi idealizado. Atualmente serve como local para hospedagem de caravanas de outras cidades que frequentam as diversas festividades que a igreja realiza todos os anos, inclusive, a Conferência Missionária, que foi inserida ao calendário de festas do município.

Nos últimos anos foi feita uma reforma e ampliação do prédio, tornando-o um complexo composto por um moderno templo, contendo ainda salas de aula para a Escola Bíblica Dominical, um



salão para festas, um refeitório, uma cozinha completa, um conjunto de banheiros, estacionamentos e espaços para hospedagens de pastores e missionários advindos de outras cidades ou da zona rural para participarem das diversas festividades da igreja.

Segundo a liderança da igreja ainda não é possível precisar os recursos que foram utilizados nessas construções, pois o levantamento desses dados ainda está em execução. No entanto, é preciso destacar que atualmente esse prédio não é o templo principal da igreja, em virtude de uma nova construção com maior espaço e que abriga mais de cinco mil pessoas.

Além desse complexo e do templo sede, a igreja acompanhou o crescimento da cidade. Na década de 1980, o trabalho de evangelização foi intensificado, sobretudo à essa religião, pelo projeto “Cruzadas Luz nas Trevas” realizada nas ruas, o que contribuiu para que muitas pessoas se convertessem. Nesse sentido, à medida que novos bairros ou setores iam surgindo, em virtude do crescimento da cidade, logo construíam outros templos. Mesmo com a pulverização dos templos e fragmentação dos trabalhos, necessitavam de um templo maior para atender o público durante as reuniões unificadas.

De acordo com Teixeira (2009), as crenças religiosas ganham mais força e expressão quando são materializadas em lugares religiosos. As religiões se constituem na paisagem através dos templos (igrejas), produzindo, assim, uma identidade cultural local. Os evangélicos creem que é necessária uma organização de seus membros para manter o sagrado, pois a vida religiosa perde o significado para o crente, Rosendahl (2005, p. 215) afirma que “as paisagens são criadas por determinados grupos religiosos no desejo de produzir sua própria visão do mundo”, criando, conforme expressa Eliade (1992), um espaço sacralizado importante para a vivência religiosa do sujeito.

Por volta da década de 1980 até meados de 1990, a expansão de fato ocorreu na cidade, pois praticamente em todos os setores havia uma igreja construída ou em construção.

Assim, no final da década de 80, iniciou-se a construção do templo que é chamado de Igreja Matriz da Assembleia de Deus, com capacidade para 5000 pessoas. Este templo, passou pela segunda reforma e abriga os cultos especiais: como as festividades, culto semanal de ensino bíblico com todas as congregações, a celebração mensal de Santa Ceia e a Conferência Missionária Estadual, que acontece sempre no mês de julho.

Atualmente, de acordo com dados obtidos com o secretário geral, responsável pela atualização anual dos documentos da igreja, o corpo da igreja é composto por 6.417 membros e congregados. Assim sendo, a distribuição dos cargos se resume em: 113 auxiliares, 155 diáconos, 186 diaconisas, 182 presbíteros, 75 evangelistas, 49 pastores, 1 pastora e 30 missionárias (AGENDA, 2017, p. 1). Esse quantitativo é representado pelos dados do Censo 2010, onde Goiânia, a capital do estado, aparece com 34,57% de pessoas que se declararam evangélicas. Em Minaçu essa porcentagem é de 74,82% o que valida a representatividade que a igreja tem no território religioso do município.

Ao longo da história da cidade de Minaçu, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus construiu-se como uma instituição religiosa com influência econômica e política. Como consequência tem efetiva participação de seus membros na administração pública nos poderes executivo e legislativo e de forma expressiva, em vista de contabilizar seis dos treze vereadores da atual gestão.

Sob a responsabilidade do pastor Antônio Martins da Rocha, falecido em 2012, juntamente com o seu genro, o Pr. Isaias da Silva Negrão, que sempre foi seu auxiliar direto e hoje seu sucessor, desenvolveram os projetos de evangelização para outros estados do nordeste brasileiro, enviando e mantendo financeiramente missionários nos estados da Bahia, Piauí e Maranhão. Além disso, desenvolveram desde a década de 1980 várias ações de evangelização na zona urbana e rural do município de Minaçu e nos municípios vizinhos como Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás, Cavalcante e Paranã (TO) e, algumas dessas regiões os projetos são direcionados aos povos Kalunga.

Os membros da comunidade muitas vezes renunciam a suas tradições para aderirem às novas práticas religiosas. Surge então um questionamento: Tal renúncia poderá levar à extinção das expressões culturais próprias do povo Kalunga? Sendo assim, cabe questionar até que ponto a diversidade religiosa realmente interfere na cultura local dos quilombolas? A partir desta arguição, talvez seja possível uma conciliação, até mesmo porque atualmente as mudanças são evidentes, tanto na preservação quanto conservação cultural.



Entretanto, sobre a propagação das conversões dos Kalunga às práticas do protestantismo, existem poucos trabalhos científicos capazes de documentar a historicidade de um período importante de transição, de forma que registre o multiculturalismo existente naquele lugar e mostre a possibilidade de uma diversidade religiosa, conforme a existente no Brasil.

Para alguns autores como Mendonça (2005, p. 51), “embora seja certo que as religiões universais, como são as protestantes, sempre assimilam ou mantêm traços das culturas locais [...] o protestantismo que chegou aos Brasil jamais se identificou com a cultura brasileira”. Já outros, como Léonard (1981), dizem que é possível uma flexibilidade mesmo tendo um modo peculiar de se apresentar, mas possível de agregar aspectos da cultura local, porém não perdendo o foco de uma igreja cristã.

Para Mota (2015), a presença do protestantismo na comunidade há mais de duas décadas gera descontentamentos das pessoas que são adeptos de outras religiões. Ao conversar com alguns moradores, percebe que há resistência ao ingresso e permanência da igreja, por entenderem que pode acabar com práticas culturais. Na comunidade Kalunga, o número de “crentes” vem se expandindo, Lima e Almeida (2011, p. 6), constata que

muitos moradores das comunidades converteram-se ao protestantismo, por intermédio da Igreja Assembleia de Deus e Igreja Batista. [...]. Segundo relatos, como resultado dessas conversões, as festas perderam muitos foliões e houve a diminuição da quantidade de frequentadores.

Essa identidade religiosa pautada no catolicismo popular comumente se dá através da herança cultural e, nesse sentido, pesquisadores sobre a religiosidade dessas comunidades ressaltam que:

há um vínculo histórico do catolicismo popular com a religião católica e os seus desdobramentos nas comunidades nas comunidades Kalunga (...) embora a origem da religião em muitas comunidades quilombolas, esteja vinculada à religiosidade posta na colonização, às diversas manifestações e rituais que surgiram refletem uma visão de mundo dada pelo o contexto atual (LIMA; ALMEIDA, 2010, p. 280-281).

Em seus relatos, as pessoas que eram interpeladas, sempre chamam de tradicionais as famílias que não aderiram ao protestantismo, num esforço em deixar claro que essas devem assumir o compromisso de transmitir a cultura do seu povo, não esquecendo as suas práticas religiosas característica de comunidades quilombolas.

A fim de compreender como são configuradas as crenças religiosas tradicionais e suas reconfigurações a partir do contato com novas práticas, entre elas o pentecostalismo faz-se necessário uma interpretação da comunidade Kalunga - Riachão, a fim de apreender as singularidades que se demarca a identidade religiosa e suas ressignificações em determinado tempo e espaço.

COSMOVISÃO E MISSÕES TRANSCULTURAIS

Para contextualizar os dados observados na pesquisa, faz-se necessário uma reflexão sobre o comportamento do homem religioso que evangeliza a comunidade Riachão. Os pastores que promovem as caravanas para evangelizar aquele local e, ainda, o pastor dirigente que mora na comunidade se apresenta como partícipes de um universo espiritual cheio de experiências que validam sua vida ministerial. Tais experiências são normatizadas por estudos realizados por Eliade (2001) que ressalta que as experiências religiosas acompanham o indivíduo em toda a sua trajetória de vida e que tais experiências podem ser individuais ou coletivas.

Nos casos analisados no decorrer da pesquisa a longa experiência é abordada sobre a perspectiva de que precisam desenvolver ações que reproduzam os ensinamentos, as doutrinas para que os receptores vivenciem o sagrado em um mundo orgânico e estabeleça vínculos que, de acordo com Rosendahl (2002), permitem a valorização subjetiva da consciência do sagrado. Contudo os valores representados são transformados pelas atividades da religiosidade e possuem aspectos culturais da comunidade na qual está inserida. Para o repasse dessas experiências demanda uma forma de comu-



nicação em várias formas de linguagens levando em consideração as diferenças culturais e levem suas mensagens de modo que seja entendida na linguagem e cultura local.

De início, ao fazer as observações, percebe-se que os missionários tentam adaptar à cultura e cosmovisão local. Para aprofundar um pouco mais nesse termo, podemos dizer que eles comparam

as diversas cosmovisões a óculos de lentes coloridas através dos quais as pessoas veem-se a si mesmos e ao mundo ao seu redor. Cada coisa é vista com a cor ou tonalidade dos “óculos de cosmovisão” que a pessoas esteja usando. Além disto, uma vez que a maioria das pessoas estão acostumadas a um único par de óculos desde a época de suas lembranças mais antigas, elas não estão dispostas – mesmo que sejam capazes- a deixar, ainda que temporariamente, aquele par de óculos de lado a fim de olhar o mundo através de outro par de óculos (HESSELGRAVE, 1987, p. 485)

Nesse sentido a maneira como as pessoas veem, percebem, conhecem ou entende a realidade do mundo no qual ela vive poder-se-ia chamar de cosmovisão. Para os líderes da igreja é fundamental que a mensagens seja entendida. Em uma entrevista o pastor que havia realizado uma ação missionária na comunidade relatou que ao convidar os Kalungas para serem participantes da igreja perguntava ao finalizar o culto se alguém queria aceitar Jesus. Segundo ele vinham umas oitenta pessoas, mas em outro momento ao visitá-los e leva a Bíblia poucos aceitavam e os outros diziam que não era “da lei dos crentes”. Diante dessa situação as lideranças da Igreja os orientaram para que modificassem os termos utilizados e a partir de então ao fazerem o convite perguntam “se alguém quer passar pra lei dos crentes. Assim, só vem à frente quem realmente quer fazer a decisão de mudar de “lei/fé”. O pastor, em sua fala analisa que é fundamental analisar as peculiaridades da cultura receptora adotando temporariamente a cosmovisão local e depois mostra que precisam mudar de vida.

O interessante, é que em muitas situações, na visão dos líderes demora acontecer essas mudanças. Como exemplos, os números de fiéis batizados, na primeira visita, no ano de 2015, em um universo de cento e quarenta convertidos havia somente quatro membros³, já na última visita em 2017 havia passado para doze membros.

Na maioria dos casos, os convertidos não são batizados porque não estão dentro das normatizações que a Igreja estabelece. Contudo, mesmo alguns que vez ou outra bebem bebidas alcoólicas, ou não largaram o vício do fumo, ou não são casados oficialmente em cartório, eles participam dos trabalhos da igreja e são identificados como crentes, porém, não podem ser membros. Ao conversar com uma senhora Kalunga na residência do pastor, ela relatou que era crente há quatro anos, mas até aquele momento não havia deixado de fumar cigarro. Tal atitude é caracterizada como um vício não permitido pela igreja, dessa forma impede pessoas fumantes de participarem como membros da mesma.

Ainda assim, mesmo não sendo membros oficiais eles fazem parte de um grupo religioso que frequentam os cultos na igreja, onde os líderes, hora fazem adaptações a cosmovisão local “aceitando” as condições de origem desse grupo, hora impõe a sua cosmovisão exigindo mudanças de costumes. Agindo dessa maneira, esses líderes evidenciam suas características proselitistas e reforçam que possuem doutrinas que regem as vivências religiosas. Para Geertz (2008, p.103-5), pela religião, a visão de mundo de um povo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado verdadeiro e coisas, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida”.

Na cosmovisão do missionário reelabora as normas que determinam o comportamento a ser executado na comunidade religiosa no qual ele faz parte professando sua fé, o que para Wilges (2008), a fé é um ato de racionalidade que iluminam previamente os desejos mostrando lhe razões que nem sempre são aceitas pela própria ação.

CONCLUSÃO

Após a análise é possível chegar a algumas conclusões. Primeiro, a religião se manifesta de maneira simbólica e em diferentes linguagens, o que a torna um fenômeno plural passível de construções e reconstruções sociais que representam uma identidade cultural. Segundo, a pluralidade favorece o surgimento de diversas religiões divergentes do catolicismo, entre elas, o protestantismo que, em seus



desdobramentos, apresenta o pentecostalismo como segmento, do qual a Igreja Assembleia de Deus é pertencente e subsidia a nossa pesquisa como um dos objetos analisados.

Durante a pesquisa, em diálogo com quilombolas de outras comunidades, que não têm a efetiva participação da igreja e não possuem ainda ações específicas de evangelização, relataram que as transformações culturais têm acontecido também, significativamente. Nesses casos, eles atribuem tais mudanças e depositam toda preocupação da preservação cultural ao fato dos jovens de hoje não quererem mais participar das rodas de conversas, dizem que eles estudam fora e na época das festas são liberados para participarem e simplesmente não vão.

Ao ouvir as vozes do convertido, percebe-se que o processo de tradução ou hibridização que acontece naquela comunidade é complexo e não é fácil para ser analisado. Para tal exercício, esbarra-se em iniciativas integracionistas, preservacionistas e, ainda, em outras que, realmente, segregam culturalmente os quilombolas. No entanto, concorda-se que, independente de qual iniciativa prevaleça, haverá consequências ocorridas por meio da linguagem ou dos costumes.

Enfim, por ter uma diversidade de pulverização dessas culturas, de uma maneira ou de outra, ao ter contato com os de fora, os quilombolas absorvem, mas também transmitem vários aspectos de sua cultura local. Esses processos de transformação e leva nos levam a concluir que, se há uma demanda de procura por essa nova religião, os que as procuram ou são conduzidos para tal buscam encontrar alguma resposta para seus anseios. Não se deve, jamais, impor nenhum elemento externo à comunidade quilombolas, ou qualquer outra que seja, o que é considerado um desrespeito humano e cultural. Mesmo áreas não religiosas como educação, saúde ou meios de subsistência devem ter cautela para não haver imposição e sim negociação.

Notas

- 1 A SAMA S.A. – Minerações Associadas é uma mineradora de sociedade anônima, 100% brasileira e de capital fechado. Iniciou em 1967 as operações em Minaçu. Está entre as três maiores produtoras mundiais de amianto Crisotila. A SAMA responde por 13% de toda a fibra comercializada no mundo (Disponível em: <www.sama.com.br>. Acesso em: 10 mar 2016).
- 2 “Novos convertidos” aqui são aqueles que fizeram uma adesão a uma religião diferente daquela no qual professava até então.
- 3 Para a Igreja Assembleia de Deus a pessoa começa a ser membro da igreja após o batismo por imersão nas águas.

Referências

- CABRAL, D. *Assembléia de Deus: a outra face da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Betel, 1998.
- CHAUL, N. *A Construção de Goiânia e a Transferência da Capital*. Goiânia: UFG, 1999.
- DELGADO, Lucília de A. N. *História oral: memória, tempo, identidade*. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FEITOSA, João (Org.). *Fragmentos da Nossa História: vitórias e conquistas de um povo*. Goiânia: Karis, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOMIS, Moizeis A. *Quando Samambaia Pegou Fogo*. Iporá – GO: [s.n.]. 2012. Disponível em: <<http://www.oestegoiano.com.br/noticias/cultura/iniciamos-a-publicacao-de-livro-de-moizeis-alexandre-gomis>>. Acesso em: 27 ago. 2016.
- LÉONARD, E.G. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. Tradução de Linneu de Camargo Schutzer. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- MENDONÇA, A. G. O Protestantismo no Brasil e suas Encruzilhadas. *REVISTA USP*, São Paulo, n.



67, p. 48-67, set./nov., 2005, p. 50-51.

MORAIS, Itelvides José. *Protestantes pentecostais em Goiânia: Discurso e ação política*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MOTA, Rosiane Dias. Protestantismo, identidade territorial e territorialidades da comunidade quilombola. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). *O Território e a Comunidade Kalunga: quilombolas em diversos olhares* – Goiânia: Gráfica UFG, 2015. p. 250-271.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: as religiões no mundo*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

